

1999

2000

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 59/62
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA

BRASIL
500

Reportagens
Poemas
Entrevistas
Idéias
Leis

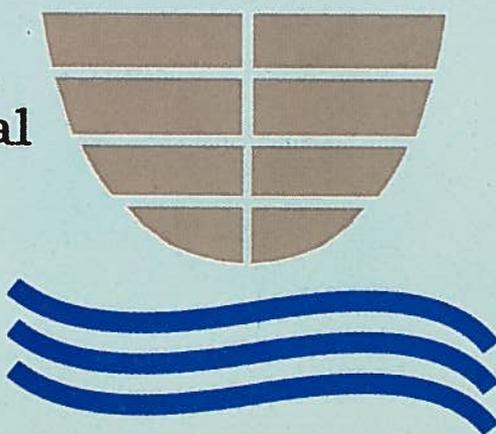
Centro-
Oeste

250

Brasília

Câmara
Legislativa
do Distrito Federal

10



Especial
Carta de Caminha narra
o descobrimento
do Brasil

Redescobrimento

CARLOS HENRIQUE

Releio o escrivão da frota
desde o seu Porto Seguro.

Quase nada da viagem:
tudo é a gente e a terra.

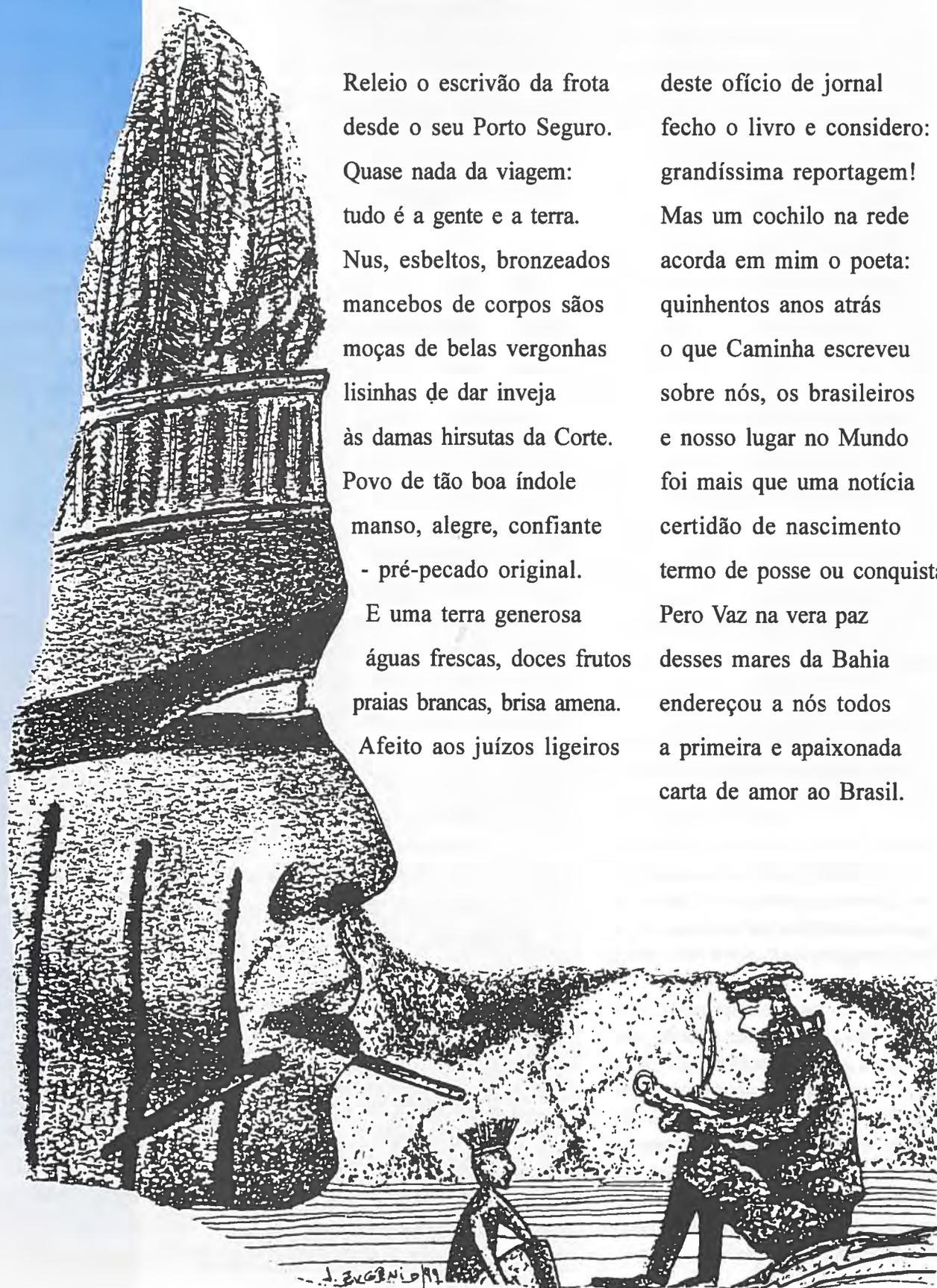
Nus, esbeltos, bronzeados
mancebos de corpos são
moças de belas vergonhas
lisinhas de dar inveja
às damas hirsutas da Corte.

Povo de tão boa índole
manso, alegre, confiante
- pré-pecado original.

E uma terra generosa
águas frescas, doces frutos
praias brancas, brisa amena.

Afeito aos juízos ligeiros

deste ofício de jornal
fecho o livro e considero:
grandíssima reportagem!
Mas um cochilo na rede
acorda em mim o poeta:
quinhentos anos atrás
o que Caminha escreveu
sobre nós, os brasileiros
e nosso lugar no Mundo
foi mais que uma notícia
certidão de nascimento
termo de posse ou conquista;
Pero Vaz na vera paz
desses mares da Bahia
endereçou a nós todos
a primeira e apaixonada
carta de amor ao Brasil.



DF

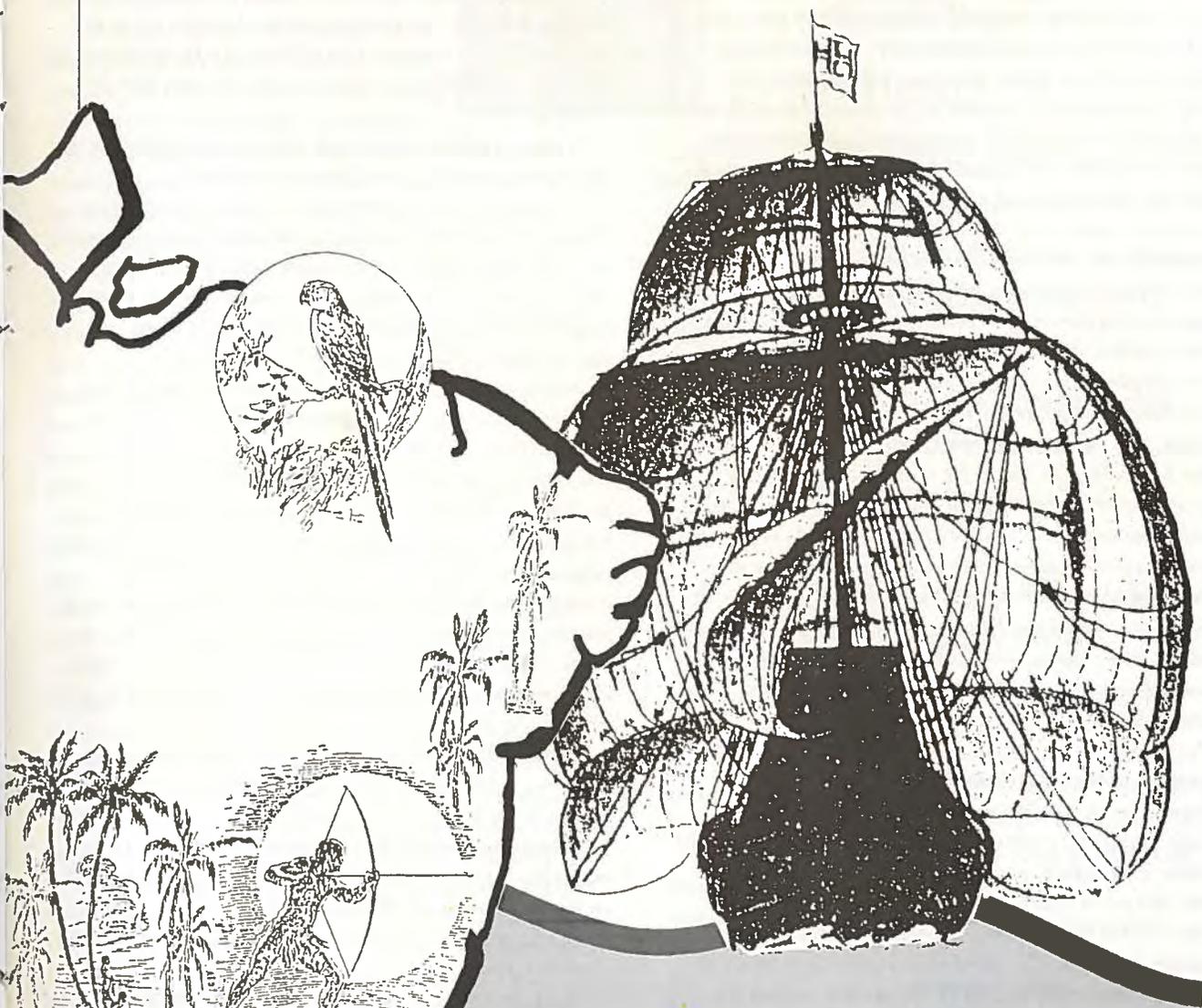
DOCUMENTO

Ano I - nº 1

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

1999

ENCARTE DA DF LETRAS



CARTA DE
Pero Vaz
de Caminha

Senhor

Mesmo que o Capitão-mor desta vossa frota e também os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta vossa Terra Nova que, agora, nesta navegação se achou não deixarei, também, de dar disso minha conta a Vossa Alteza, tal como eu melhor puder ainda que para bem contar e falar o saiba fazer pior que todos. Mas tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade; e creia, como certo, que não hei de pôr aqui mais que aquilo que vi e me pareceu, nem para aformosear nem para afeiar.

Da marinagem e singraduras do caminho não darei, aqui conta a Vossa Alteza que o não saberei fazer e os pilotos devem ter esse cuidado; e, portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo: que a partida de Belém como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março; e sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e as 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grã-Canária; e ali andamos todo aquele dia, em calma, à vista delas, obra de três ou quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às 10 horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas do Cabo Verde, a saber: da ilha de São Nicolau, segundo dito de Pedro Escolar, piloto. A seguir à noite, quando segunda-feira amanheceu, perdeu-se da frota Vasco de Ataíde, com sua nau, sem que houvesse tempo forte nem contrário, para poder acontecer. O Capitão fez suas diligências para o encontrar, numa e noutra parte; mas não apareceu mais. Então seguimos nosso caminho, por esse mar de longo até terça-feira de Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, quando topamos alguns sinais de terra, sendo da dita ilha, segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas; os sinais eram: muita quantidade de ervas compridas, às quais os mureantes chamam botelho; e, ainda, outras u que também chamam rabo d'asno.

Na quarta-feira seguinte, pela manhã topamos aves a que chamam fura-buchos e neste dia, a horas de véspera, avistamos terra, a saber: em primeiro lugar um monte grande, muito alto e redondo e outras serras mais baixas ao sul dele; e terra rasa, com grandes arvoredos. Ao mesmo monte alto pôs o Capitão o nome de Monte Pascoal; e à Terra – Terra de Vera Cruz. Mandou lançar o prumo e acharam 25 braças e ao pôr do sol, a cerca de 6 léguas da terra, lançamos âncoras com 19 braças; ancoragem boa. Ali ficamos toda aquela noite e na quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos diretos à terra com os navios pequenos diante assinalando, 17, 16, 15, 14, 13, 12, 10 e 9 braças até meia légua da terra, onde todos lançamos âncoras em frente da boca dum rio; e chegaríamos a este ancoradouro às 10 horas, pouco mais ou menos. Dali houvemos vista de homens que andavam pela praia, cerca de 7 ou 8, segundo os navios pequenos disseram, porque chegaram primeiro. Ali lançamos os batéis e esquifes à água e vieram logo todos os capitães das naves a esta nau do Capitão-mor e ali conversaram. E o Capitão mandou no batel, a terra, Nicolau Coelho para ver aquele rio; e quando começou a ir para lá acudira, à praia, homens, aos dois e

aos três. Assim, quando o batel chegou à foz do rio estavam ali 18 ou 20 homens, pardos todos nus, sem nenhuma roupa que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel e Nicolau Coelho fez-lhes sinal para que deixassem os arcos e eles os pousaram. Mas não pôde ter deles fala nem entendimento que aproveitasse porque o mar quebrava na costu. Apenas lhe deu um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. E um deles deu-lhe um sombreiro de penas de aves, compridas, com uma copazinha pequena, de penas vermelhas e pardas como as de papagaio. E outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas e miúdas que parecem ser de aljaveira, peças que, creio, o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto voltou às naus por ser tarde e deles não poder haver mais fala pelo estado do mar.

À noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez caçar as naus e, especialmente, a capitânia.

Na sexta-feira pela manhã, às 8 horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar âncoras e fazer vela e fomos ao longo da costa com os batéis e esquifes amarrados pela popa, para norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso, onde estivéssemos, para tomar água e lenhu; não por já escassear, mas para nos completarmos aqui. Quando nos fizemos de vela estariam na praia, sentados, junto ao rio, cerca de 60 ou 70 homens que se juntaram ali, a pouco e pouco. Fomos de longo e mandou o Capitão aos navios pequenos que fossem mais chegados à terra e que, se achassem porto seguro para as naus, amainassem. Indo nós pela costa cerca de 10 léguas donde nos levantamos acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto interno, muito bom e muito seguro, com uma entrada bem larga; entraram e amainaram. E as naus arribaram sobre eles. Um pouco antes do sol posto amainaram cerca de uma légua do recife e ancoraram em 11 braças.

Estando Afonso Lopes, nosso piloto, num daqueles navios pequenos, a mando do Capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meteu-se logo no esquife a sondar o porto, dentro, e tomou numa almadia dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos. E um deles trazia um arco e 6 ou 7 setas; e andavam muitos na praia, com seus arcos e setas, mas não lhe serviram. Trouxe-os logo e já de noite ao Capitão e foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição deles é serem pardos, quase avermelhados, de rostos regulares e narizes bem feitos; andam nus sem nenhuma cobertura; nem se importam de cobrir nenhuma coisa, nem de mostrar suas vergonhas. E sobre isto são tão inocentes, como em mostrar o rosto. Traziam, ambos, os beiços de baixo furados e, cada um, metidos neles, ossos de osso mesmo, brancos, medindo uma mão travessa e da grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta, como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço e o que lhes fica entre o beiço e os dentes é feito como castelo de xadrez. E de tal maneira o trazem ali encaixado que os não magoa, nem estorva a fala, nem o comer ou o beber. Os seus cabelos são corredios; e andavam tosquiados de tosquia mais alta que sobre-pente de bom tamanho e raspados até

acima das orelhas. Um deles trazia por baixo da solapa, de fonte por detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave, amarela, que seria do comprimento de um coto, muito basta e muito cerrada, que lhe cobria o touço e as orelhas. A mesma andava pegada aos cabelos, pena por pena, como uma massa branda com cera, mas que não o era. Desta forma andava a cabeleira muito redonda e muito basta e tão igual, que não fazia falta mais lavagem para a levantar.

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, com uma alcatifa aos pés, por estrado, e bem vestido com um colar de ouro muito grande ao pescoço. E Sancho de Tovar e Simão de Miranda e Nicolau Coelho e Aires Correia e nós outros que aqui vamos, com ele, na nau, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas e entraram; e não fizeram nenhuma menção de cortesia nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Mas um deles viu o colar do Capitão e começou a acenar com a mão para terra e depois para o colar, como a dizer-nos que havia ouro em terra; e também viu um castiçal de prata e da mesma forma acenava para a terra e para o castiçal como que havia, também, prata. Mostraram-lhe um papagaio pardo que o Capitão aqui traz; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como que os havia ali; mostraram-lhe um carneiro e não fizeram caso dele; mostraram-lhe uma galinha e quase tiveram medo dela e não lhe queriam pôr a mão; e depois a pegaram como que espantados. Deram-lhe, então, de comer pão e peixe cozido, confeitos fartéis, mel e figos secos. Não quiseram comer daquilo, quase nada; e alguma coisa, se a provaram, lançavam-na logo fora. Trouxeram-lhe vinho por uma taça; puseram um pouco na boca e não gostaram nada dele, nem o quiseram mais. Trouxeram-lhe água por uma albarrada; tomaram dela cada um uma pouca e não beberam. Somente lavaram a boca e a lançaram fora. Viu, um deles, umas contas de rosário, brancas e acenou que lhas dessem; folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço; depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para terra e então para as contas e para o colar do Capitão, como que dariam ouro por aquilo. Isto entendíamos nós, por assim desejarmos; mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque lho não havíamos de dar. E depois restituiu as contas a quem lhas deu e, então, estiraram-se de costas na alcatifa a dormir, sem terem nenhuma preocupação de cobrirem suas vergonhas, as quais não eram fanadas e as cabeleiras delas bem raspadas e feitas. O Capitão mandou pôr-lhes, a cada um, coxins; e o da cabeleira preocupava-se por não quebrá-la; e lançaram-lhe um manto em cima e eles consentiram; e aquietaram-se dormiram.

No sábado pela manhã, o capitão mandou fazer vela e fomos demandar a entrada a qual era muito larga e alta de 6 ou 7 braças e entraram todas as naus dentro; ancoraram com 5 ou 6 braças. A mesma ancoragem é, dentro, tão



grande e tão formosa e tão segura que podem ficar dentro dela mais de 200 navios e naus. E logo que as naus ficaram paradas e ancoradas vieram os capitães todos a esta nau do Capitão-mor; e daqui mandou o capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem a terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas, aos quais mandou dar, a cada um, camisas novas e também carapuças vermelhas e dois rosários de contas brancas de osso, que eles levaram nos braços; e cascavéis; e suas campainhas. Mandou com eles, para ficar lá, um mancebo degredado, criado de D. João de Telo, a quem chamam Afonso Ribeiro, para

andar lá com eles e saber de seu viver e modos; e a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho. Fomos então, retos, diretos à praia; acudiram ali, logo, obra de 20 homens, todos nus e com arcos e setas na mão. Aqueles que nós levávamos acenaram-lhes que se afastassem e pousassem os arcos e eles pousaram e não afastaram muito. Assim que depuseram seus arcos, logo saíram os que nós levávamos e o mancebo degredado com eles, os quais, assim que saíram, não pararam mais, nem esperavam um pelo outro; antes cada qual corria mais; e passaram um rio que por aí corre, de água doce, de muita água que lhe dava pela braga e outros muitos com eles. E foram correndo assim, para lá do rio, entre umas moitas de palmas onde estavam outos e ali pararam. E assim foi o degredado com um homem, que logo ao sair do batel o acolheu e o levou até lá. E logo o enviaram a nós e com ele vieram os outros que nós levamos, os quais vinham já nus e sem carapuças. Então começaram a chegar muitos e entravam pela beira do mar para os batéis até que não podiam mais e traziam cabaças de água e tomavam alguns barris que nós levávamos; enchiam-nos de água e traziam-nos para os batéis. Não chegavam mesmo à borda do batel; mas, junto dele lançavam-nos da mão e nós apanhávamo-los e então pediam que lhes dessem alguma coisa. Nicolau Coelho levava cascavéis e manilhas; a um dava cascavel; a outro uma manilha; de maneira que, com aquele chamariz, faziam por ajudar-nos. Davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que alguém lhe queria dar. Então partiram os outros dois mancebos a quem não vimos mais.

Andavam ali muitos e a maior parte deles, ou quase, traziam aqueles bicos de osso nos beijos; e alguns que andavam sem eles, traziam os beijos furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha; e alguns deles traziam três daqueles bicos, da seguinte maneira: um no meio e dois nos lados; e andavam ainda outros quartejados de cores; assim: metade do corpo da própria cor; outra metade de tintura negra, de tom azulado; outros quartejados de xadrez. Ali andavam, entre eles, três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, caídos pelas espáduas abaixo; e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras, que de as olharmos muito bem não tínhamos

nenhuma vergonha. Ali e então, não houve mais fala nem entendimento com eles, por ser a algazarra deles tão grande que não se entendia nem ouvia ninguém. Acenamos-lhes que se fossem e assim o fizeram. E passaram para lá do rio. Então saíram três ou quatro homens dos nossos, dos batéis e encheram, não sei quantos barris de água, que nós levávamos e tornamo-nos às naus.

E, quando vínhamos, acenaram que tornássemos; voltamos e eles mandaram o degredado e não quiseram que ficasse lá com eles. O mesmo levava uma bacia pequena e duas ou três carapuças vermelhas, para dar ao Senhor de lá, se o houvesse. Não trataram de lhe tirar nada e mandaram-no com tudo. Então Bartolomeu Dias fê-lo voltar outra vez para que lhe desse aquilo. Ele voltou e deu-o à nossa vista e àquele que primeiro o acolheu. Veio então e trouxemo-lo. Este que o acolheu era já de idade e andava todo, por louçania, cheio de penas pregadas pelo corpo, parecendo assetado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas e outros de vermelhas e outros de verdes. Uma daquelas moças estava toda tinta, de baixo acima, daquela tintura, a qual, na verdade, era tão bem feita e tão redonda; e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, fazia vergonha, por não terem a sua como ela. Nenhum deles era fanado, mas todos assim como nós. Com isto nós voltamos e eles foram-se.

À tarde, saiu o Capitão-mor em seu batel com todos nós e com os outros capitães das naus em seus batéis, a folgar pela baía, frente à praia, mas ninguém saiu em terra porque o Capitão não queria, sem embargo de ninguém, estar nela. Apenas saiu ele com todos nós num ilhéu grande que na baía está e que da baixa-mar fica muito vazio; mas, é por todas as partes cercado de água, não podendo ninguém ir ali sem barco ou a nado. Ali folgou ele e todos nós bem uma hora e meia. Marinheiros, que aí andavam, pescaram com um chinchorro e mataram pescado miúdo, não muito. Então voltamos às naus já bem de noite.

No domingo de Pascoela, pela manhã, determinou o capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu e mandou todos os capitães que se acomodassem nos seus batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar naquele ilhéu um esperável e dentro dele levantar um altar muito bem arranjado. E, ali, com todos nós, fez dizer missa, que celebrou o padre frei Henrique, em voz entoada e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes todos que ali estavam. Esta missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Estava ali, com o capitão, a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre elevada na parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre e pôs-se numa cadeira alta e nós todos espalhados pela areia; e pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho. No fim dela tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência vimos, que veio muito a propósito e fez muita devoção.

Enquanto estávamos à missa e à pregação estaria na prua outra tanta gente, pouco mais ou menos, como ontem,

com seus arcos e setas; os mesmos andavam folgando e olhando-nos; sentaram-se. E depois de acabada a missa, sentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço. E alguns deles se meteram em almadias, duas ou três que aí tinham, as quais não são feitas como as que já vi. Somente são três traves atadas juntas e ali se metiam quatro ou cinco, ou aqueles que queriam, não se afastando quase nada da terra, senão quanto permitia tomar pé.

Acabada a pregação foi o Capitão e todos para os batéis, com nossa bandeira levantada e embarcamos; e, assim, fomos todos em direção à terra, para passarmos ao longo, por onde eles estavam, indo Bartolomeu Dias em seu esquife, por mando do capitão, adiante, com um pau de uma almadia, que o mar lhes levava, para lhe entregar. E nós todos, cerca de um tiro de pedra atrás dele.

Quando eles viram o esquife de Bartolomeu Dias, chegaram-se logo todos à água, metendo-se nela até onde mais podiam. Acenaram-lhe que pousassem os arcos e muitos deles os iam pôr logo em terra; e outros os não punham. Andava ali um que falava muito aos outros, que se afastassem; mas nem me pareceu a mim que lhe tinham acatamento nem medo. Este que os assim andava afastando, trazia seu arco e setas e andava tingido de tintura vermelha pelos peitos e espáduas e pelos quadris, coxas e pernas até em baixo; e os vazios, com a barriga e estômago, eram da sua própria cor; e a tintura era tão vermelha que a água lha não comia nem desfazia; antes, quando saía da água era mais vermelha. Saiu um homem do esquife de Bartolomeu Dias e andava entre eles, sem eles implicarem com ele, nem para lhe fazerem mal; ao invés, lhe davam cabaças de água e acenavam aos do esquife para que saíssem em terra. Com isto voltou Bartolomeu Dias ao capitão e viemos para as naus a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem lhes dar mais enfado e eles tornaram-se a assentar na praia. E assim, por então ficaram.

Neste ilhéu, onde fomos ouvir missa e pregação, espraia muita água e descobre muita areia e muito cascalho. Foram alguns, quando nós ali estávamos, buscar marisco, mas não o acharam; e acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um camarão muito grande e muito grosso, como em nenhuma ocasião vi tamanho. Também acharam cascas de berbigões e de amêijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira. Quando comemos vieram logo todos os capitães a esta nau, por mando do Capitão-mor com os quais ele se afastou e eu em companhia. E perguntou, então, a todos, se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento desta Terra a Vossa Alteza, pelo navio dos marinheiros, para melhor a mandar descobrir e saber dela, mais do que agora nós podíamos saber, por irmos de nossa viagem. E entre muitas falas, que na ocasião se fizeram, foi por todos, ou a maior parte, dito que seria muito bem. E nisto concluíram.

Logo que a conclusão foi tomada, perguntou, mais, se seria bom tomar, aqui, à força, um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza e deixar aqui, em troca, outros dois destes degredados. Nisto concordaram que não era necessário tomar por força homens, porque, geralmente, era

costume dos que assim levavam, à força, para alguma parte, dizerem que há aí de tudo o que lhes perguntam. Melhor; e muito melhor informação da terra dariam dois homens destes degredados que aqui deixassem, do que eles dariam se os levassem, por ser gente que ninguém entende; nem eles tão cedo aprenderiam a falar, para o saber tão bem dizer, que muito melhor o não digam estoutros, quando aqui Vossa Alteza mandar. E que, portanto, não cuidassem de, por força, aqui tomar ninguém, nem fazer escândalo, para os de todo mais amansar e apaziguar; em vez disso, somente deixar aqui os dois degredados, quando daqui partíssemos. E assim, por melhor parecer a todos, ficou determinado.

Acabado isto disse o capitão que fôssemos nos batéis em terra e ver-se-ia bem como era o rio e também para folgarmos. Fomos todos nos batéis, em terra, armados e a bandeira conosco. Eles andavam ali na praia, à boca do rio, onde nós íamos e, antes que chegássemos, do ensino que dantes tinham, puseram todos os arcos e acenaram que saíssemos. E, logo que os batéis puseram as proas em terra, passaram-se todos além do rio, o qual não é mais largo que um jogo de mancal. E logo que desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio e foram entre eles. E alguns aguardavam; e outros afastavam-se. Mas era a coisa de tal maneira que todos andavam misturados. Eles davam desses arcos com suas setas por sombreiros e carapuças de linho e por qualquer coisa que lhes davam. Passaram, além, tantos dos nossos e andavam tão misturados com eles, que eles se esquivavam e afastavam e iam-se alguns para cima onde outros estavam. Então o Capitão fez-se tomar ao colo de dois homens e passou o rio e fez tornar a todos. A gente que ali não seria mais que aquela que costumava. E logo que o Capitão fez voltar todos, vieram alguns deles, perto dele, não por conhecê-lo por Senhor, que me parece que não entendem nem tomavam disso conhecimento, mas porque a nossa gente passava já para cá do rio. Ali falavam e traziam muitos arcos e continhas, daquelas já ditas e as resgatavam por qualquer coisa; de tal maneira que trouxeram, dali para as naus, muitos arcos e setas e contas. E, então, tornou-se o capitão para cá do rio e logo acudiram muitos à beira dele.

Ali vertéis galantes, pintados de preto e vermelho e quartejados, tanto pelos corpos como pelas pernas, que, na verdade, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres moças, à mesma nuas, que não pareciam mal e entre as quais andava uma, com uma coxa toda, do Joelho até ao quadril e a nádega toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua própria cor. Outra trazia ambos os Joelhos com as curvas assim tingidas e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas que não havia, nisso, nenhuma vergonha. Também andava lá outra mulher moça com um menino ou menina no colo, atado com um pano, não sei de que, aos peitos e não lhe apareciam senão as perninhas. Mas as pernas da mãe e tudo, não trazia nenhum pano.

E depois foi o capitão para cima, ao longo do rio, que anda sempre em frente da praia e ali esperou um velho que trazia na mão uma pá de almadiá; falou, estando o capitão com ele, perante nós todos, sem nunca ninguém o entender, nem ele a nós, sobre as coisas que a gente lhe perguntava de ouro, que nós desejávamos saber se o havia na terra. Trazia este velho o

beijo tão furado que lhe caberia, pelo furado, um grande dedo polegar; e trazia metido no furado uma pedra verde, ruim que fechava, por fora, aquele buraco. E o capitão lha fez tirar; e ele não sei que diabo falava e ia com ela para a boca do capitão para lha meter. Estivemos rindo um pouco com isso. Então enfadou-se o capitão e deixou-o; e um, dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho; não por ela valer alguma coisa, mas para mostra. E depois adquiriu-a o capitão, creio que para, com as outras coisas mandar a Vossa Alteza.

Andávamos por ali vendo a ribeira, a qual é de muita água e muito boa. Ao longo dela há muitas palmas, não muito altas, em que há muito bons palmitos. Colhemos e comemos muitos deles. Então, voltou o Capitão para baixo, para a boca do rio onde desembarcamos e, além do rio, andavam muitos deles dançando e folgando uns frente aos outros, sem se pegarem as mãos e faziam-no bem. Passou, então, além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer e levou consigo um gaiteiro nosso, com sua gaita e meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos. E eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem, ao som da gaita. Depois de dançarem fez-lhe, ali, andando no chão, muitos saltos ligeiros e salto real, de que eles se espantavam e riam e folgavam muito. E, conquanto os seguiu muito com aquilo e afagou, tomaram logo uma esquiveza como monteses. E foram-se para cima.

Então o capitão passou o rio com todos nós e fomos pela praia, ao longo, indo os batéis, também em frente da terra e fomos até uma lagoa grande de água doce, que está junto com a praia, razão porque toda aquela ribeira do mar é apaulada, por cima, e sai água por muitos lugares. E, depois de passarmos o rio, foram uns 7 ou 8 deles, andar entre os marinheiros, que se recolhiam aos batéis; e levaram dali um tubarão que Bartolomeu Dias matou e lho levava e lançou-o na praia. Anote-se que, até aqui, como quer que eles se amansassem, em alguma parte, logo de uma mão para outra se esquivavam como pardais de cevadouro e a gente não ousa falar-lhes rijo para não se esquivarem mais; e tudo se passa como eles querem para bem amansá-los. Ao velho com que o Capitão falou deu uma carapuça vermelha. E com toda a fala que com ele passou e com a carapuça que lhe deu, logo que se despediu começou por passar o rio, que se foi logo recatando e não quis mais voltar do rio para cá. Os outros dois que o capitão teve nas naus e a quem deu o que já foi dito nunca mais aqui apareceram, do que concludo ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos. Eles, porém, contudo, andam muito bem curados e muito limpos e nisso me parece, ainda mais, que são como aves, ou alimárias monteses que lhes faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas, porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não podem ser mais. E isto me faz presumir que não têm casas nem moradas em que se acolham e o ar a que se criam os faz tais. Nós não vimos, até agora, ainda, nenhuma casa nem maneira delas.

Mandou o capitão aquele degredado, Afonso Ribeiro, que se fosse outra vez com eles. O mesmo foi e andou lá um bom pedaço; e à tarde tornou-se, que o fizeram eles vir e não o quiseram lá consentir; deram-lhe arcos e setas e não lhe tomaram nenhuma coisa de seu. Antes, disse ele, que lhe tomara um deles umas continhas amarelas que ele levava e fugia com

elas; e ele se queixou e os outros foram logo atrás dele e lhas tomaram e tornaram a dar-lhas; então mandaram-no vir. Disse ele que não vira lá, entre eles, senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos, muito grandes, como Dentre Douro e Minho. E, assim, nos tornamos às naus, já quase noite a dormir.

Segunda-feira, depois de comer, saímos todos em terra a tomar água. Ali vieram, então, muitos; mas não tantos como das outras vezes e traziam já muitos poucos arcos e estiveram, assim, um pouco afastados de nós. E depois, poucos a poucos, misturaram-se conosco. E abraçavam-nos e folgavam; e alguns deles se esquivaram logo. Ali davam alguns arcos por folhas de papel e por alguma carapucinha velha ou por qualquer coisa. De tal maneira se passou a coisa, que bem 20 ou 30 pessoas das nossas se foram com eles, onde muitos outros deles estavam, com moças e mulheres e trouxeram de lá muitos arcos e barretes de penas de aves, alguns verdes e alguns amarelos, de que creio o capitão há de mandar mostra a Vossa Alteza; e, segundo diziam esses que lá foram, folgavam com eles. Neste dia os vimos de mais perto e mais à nossa vontade, por andarmos todos quase misturados. E, ali, alguns deles andavam quartejados daquelas tinturas e outros de metade; outros de tanta feição como de panos de armar; e todos com os beijos furados e muitos com os ossos neles e alguns sem ossos. Traziam alguns deles uns ouriços verdes, de árvores, que na cor, quase queriam parecer de castanheiros; apenas que eram mais e mais pequenos. E os mesmos eram cheios de grãos vermelhos, pequenos, que, esmagando-os entre os dedos, faziam tintura muito vermelha, da que eles andavam tintos; e quanto se mais molhavam tanto mais vermelhos ficavam.

Todos andam raspados até acima das orelhas; e também as sobrancelhas e as pestanas. Trazem, todos, a testa, de fonte a fonte, tinta de tintura preta, que parece uma fita preta larga, de dois dedos; o capitão mandou aquele degredado, Afonso Ribeiro e outros dois degredados, que fossem lá entre eles também a Diogo Dias, por ser homem ledo, com quem eles folgavam. E aos degredados mandou que ficassem lá esta noite. Foram-se lá todos e andaram entre eles. E, segundo eles diziam, foram, bem uma légua e meia, a uma povoação de casas em que havia 9 ou 10 casas as quais diziam que eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitânia; e eram de madeira; e das ilhargas de tábuas; cobertas de palha, de razoável altura e todas numa só casa sem nenhum compartimento. Tinham por dentro muitos esteios e de esteio a esteio uma rede, atada pelos cabos, em cada esteio e altas, nas quais dormiam; e, por baixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas, pequenas, uma em um cabo e outra no outro. E diziam que em cada casa se acolhiam 30 ou 40 pessoas e que assim os achavam. E que lhes davam de comer daquela vianda que eles tinham, ou seja: muito inhame e outras sementes que na terra há e que eles comem.

E quando ficou tarde fizeram-nos logo tornar a todos e não quiseram que lá ficasse nenhum; e, ainda, segundo eles diziam, queriam-se vir com eles. Resgataram lá, por cascavéis e outras coisinhas de pouco valor que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes, pequeninos, carapuças de penas verdes e um pano de penas de muitas cores, parecendo tecido, assaz formoso, segundo Vossa Alteza verá todas estas coisas, porque o capitão vo-las há de mandar, segundo ele

disse; e com isto vieram; e nós tornamo-nos às naus.

Na terça-feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha e lavar roupa. Estavam na prua, quando chegamos, cerca de 60 ou 70, sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram-se logo para nós sem se esquivarem. E depois acudiram muitos, que seriam uns 200, todos sem arcos. E misturaram-se todos, tanto, conosco, que nos ajudavam, alguns, a acarretar lenha e metê-la nos batéis; e disputavam com os nossos e tomavam muito prazer. Enquanto nos fazíamos a lenha, dois carpinteiros faziam uma grande cruz de um pau, que ontem se cortou para isso. Muitos deles vinham, ali, estar com os carpinteiros; e creio que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro com que a faziam, que por verem a cruz, porque eles não têm coisa que disso seja e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau, entre duas talas muito bem atadas; e de tal maneira, que ficam fortes, segundo os homens, que ontem foram a suas casas, diziam, porque lhas viram lá. Era já a conversação, deles conosco, tanta, que quase nos estorvavam no que havíamos de fazer. O capitão mandou os dois degredados e a Diogo Dias que fosse lá à aldeia e a outras, se tivessem delas notícia e que de toda a maneira não se viessem a dormir às naus, ainda que eles os mandassem. E então se foram. Enquanto andávamos nesta mata a cortar a lenha, atravessaram alguns papagaios por essas árvores, alguns verdes e outros pardos; grandes e pequenos de maneira que me parece que haverá nesta terra muitos, mas eu não vi mais que até 9 ou 10. Outras aves, então, não vimos; somente algumas pombas seixas e pareceram-me maiores, em boa quantidade, que as de Portugal. Alguns diziam que viram rolas, mas eu não as vi; mas, segundo os arvoredos são, muitos e muitos e grandes e de infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves. E cerca da noite nos volvemos para as naus com nossa lenha. Eu creio, Senhor, que não dei ainda, aqui, conta a Vossa Alteza da feição dos seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos; e as setas compridas e os ferros delas de canas aparadas segundo Vossa Alteza verá, por alguns que creio que o capitão a ela há de mandar.

Na quarta-feira não fomos a terra porque o capitão andou todo o dia no navio dos mantimentos, a despejá-lo e fazer levar às naus aquilo que cada um podia levar. Eles acudiram à praia muitos, segundo das naus vimos, que seriam obra de 300, segundo disse Sancho de Tovar, que lá foi. Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degredado, a quem o capitão ontem mandou que, de toda a maneira, lá dormissem, volveram-se, já de noite, por eles não quererem que dormissem lá. Trouxeram papagaios verdes e outras aves pretas, quase como pegas; apenas que tinha o bico branco e os rabos curtos. E quando Sancho de Tovar se recolheu à nau queriam-se vir com ele, alguns, mas ele não quis senão dois mancebos dispostos e homens de prol. Mandou-os, essa noite, muito bem pensar e tratar; e comeram toda a comida que lhes deram e mandou-lhes fazer a cama de lençóis, segundo ele disse. Dormiram e folgaram aquela noite. E, assim, não foi este dia mais que para escrever.

Na quinta-feira, último de abril, comemos logo quase pela manhã e fomos em terra por mais lenha e água. E estando o capitão para sair desta nau chegou Sancho de Tovar com seus dois hóspedes. E, por ele não ter ainda comido, puseram-lhe toalhas e veio-lhe comida e comeu. Os hóspedes sentaram-se

cada um em uma cadeira e de tudo o que lhes deram comeram muito bem, especialmente presunto cozido, frio, e arroz. Não lhes deram vinho por Sancho de Tovar dizer que o não bebiam bem. Acabado o comer, metemo-nos todos no batel e eles conosco. Deu um grumete, a um deles, uma armadura grande, de porco montês, bem revolta. E tanto que a tomou meteu-a logo no beço. E porque se lhe não queria fixar deram-lhe uma pequena de cera vermelha e ele adaptou-lhe detrás sua base para se segurar e meteu-a no beço, assim retorcida para cima. E vinha tão contente com ela como se trouxesse uma grande jóia. E assim que saímos em terra foi-se logo com ela que não apareceu aqui mais. Andavam na praia, quando saímos, 8 ou 10 deles; e daí a pouco começaram a vir. E parece-me que viriam este dia à praia 400 ou 450. Traziam deles, arcos e setas e todos os deram por carapuças e por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos e bebiam, alguns deles, vinho e outros o não podiam beber. Mas parece-me que se lho avezarem que o beberão de boa vontade. Andavam todos tão dispostos e tão enfeitados e galantes, com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha, quanta podiam, com muito boas vontades e levavam-na uos batéis: e andavam já mais mansos e seguros, entre nós, do que nós andávamos entre eles.

Foi o capitão, com alguns de nós, um pedaço por este arvoredo, até uma ribeira grande, de muita água, que a nosso parecer era esta mesma que vem ter à praia em que nós tomamos água. Ali estivemos um pedaço bebendo e folgando ao longo dela, entre esse arvoredo, que é tanto e tamanho e tão basto e de tantas folhagens que lhe não pode homem dar conto. Há entre ele muitas palmas de que colhemos muitos e bons palmitos. Quando saímos do batel disse o capitão que seria bom irmos direitos à Cruz, que estava encostada a uma árvore junto do rio, para se erguer umunhã que é sexta-feira, e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos, para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim o fizemos. E a esses 10 ou 12 que aí estavam acenaram-lhes que fizessem assim e foram logo todos beijá-la.

Parece-me gente de tanta inocência que se a gente os entendesse e eles a nós, que seriam logo cristãos, porque eles não têm nem atendem a nenhuma crença, segundo parece. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se cristãos e crerem na nossa santa fé, a qual, praz Nosso Senhor que os traga porque, na verdade, esta gente é boa e de boa simplicidade e gravar-se-á neles, ligeiramente, qualquer cunho que lhes queiram dar. E logo lhes deu Nosso Senhor bons corpos e bons rostos como a bons homiens. E Ele que nos por aqui trouxe, creio que não foi sem causa. E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na santa fé católica, deve intervir em sua salvação. E praza a Deus, que com pouco trabalho será assim.

Eles não lavram nem criam; nem há aqui hoi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha; nem nenhuma outra alimária que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame que aqui há muito; e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si lançam. E, com tudo isso, andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. Enquanto ali andaram, este dia,

sempre dançaram ao som de um tamborim nossô e bailaram com os nossos, de maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus. Se a gente lhes acenava se queriam vir às naus faziam-se logo prestes para isso; de tal forma que se a gente os quisesse a todos convidar, todos viriam. Porém, não trouxemos esta noite às naus, senão 4 ou 5 a saber; o Capitão-mor, dois; e Simão de Miranda, um que trazia já por pajem; e Aires Gomes outro, também pajem.

Dos que o capitão trouxe eru, um deles, um de seus hóspedes, que a primeira vez, quando aqui chegamos, lhe trouxeram, o qual veio hoje aqui vestido com sua camisa; e com ele um irmão, os quais foram esta noite muito bem agasalhados, tanto de vianda como de cama de colchões e lençóis, para os mais amansar.

E hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra com nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor chantar a Cruz, para ser melhor vista. E ali, onde marcou o capitão, fizeram a cova para a chantar. Enquanto a ficaram fazendo, ele, com todos nós outros, fomos pela cruz abaixo do rio, onde ela estava. Trouxemo-la dali, com esses religiosos e sacerdotes adiante, cantando, à maneira de procissão. Estavam já aí alguns deles, cerca de 70 ou 80 e quando assim nos viram vir, alguns deles se foram meter debaixo dela a ajudar-nos. Passamos o rio, ao longo da praia e fomos pô-la onde havia de ficar, que será do rio obra de dois tiros de besta. Ali andando, nisto vieram bem 150 ou mais. E, chantada a Cruz, com as armas e divisa de Vossa Alteza, que lhe pregaram primeiro, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre Frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco, a ela, cerca de 50 ou 60 deles todos sentados ou de joelhos, assim como nós. E quando foi ao Evangelho, que nos erguemos, ficando em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco e alçaram as mãos, estando assim até terminar. Então voltaram a sentar-se como nós.

Quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram todos assim, como nós estávamos, com as mãos levantadas; e de tal maneira sossegados que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção.

Estiveram assim conosco até acabada a comunhão. E depois da comunhão, comungaram os religiosos e sacerdotes e o capitão e alguns de nós. Alguns deles, por o sol ser forte, estando nós comungando, levantaram-se; e outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de 50 ou 55 anos, ficou ali com aqueles que ficaram. Aquele, estando nós assim, juntava os que ali ficaram e ainda chamava outros. Este, andando assim, falando entre eles, acenou-lhes com o dedo para o altar e depois mostrou o dedo para o céu, como que lhes dizia alguma coisa de bem e nós assim o tomamos.

Acabada a missa o padre tirou a vestimenta de cima e ficou na alva. E assim se subiu, junto ao altar, numa cadeira e ali pregou do Evangelho e dos apóstolos, cujo dia é hoje, tratando, no fim da pregação deste vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, que nos causou mais devoção. Esses que à pregação sempre estiveram estavam, assim como nós, olhando para ele. E aquele que digo chamava alguns, que viessem para ali; alguns vinham e outros iam-se. E acabada a pregação, trazendo Nicolau Coelho muitas cruces de estanho com crucifixos, que

lhe ficaram, ainda, da outra vinda, houveram por bem que lançassem a cada um a sua ao pescoço, pelo que se concordou. O padre Frei Henrique ao pé da Cruz ali, a um por um, lançava sua, atada em um fio, ao pescoço, fazendo-lha primeiro beijar e alevantar as mãos. Vinham a isso muitos e lançaram-nas todas, que seriam cerca de 40 ou 50. E, isto acabado, era já bem uma hora depois do meio-dia.

Vimos às naus a comer, onde o capitão trouxe, consigo, aquele mesmo que fez aos outros aquela mostrança para o altar e para o céu; e um seu irmão com ele ao qual fez muita honra; e deu-lhe uma camisa mourisca e ao outro uma camisa das outras. E segundo o que a mim e a todos pareceu, a esta gente não lhes falta outra coisa, para ser toda cristã, do que entender-nos, porque logo aprendiam aquilo que nos viam fazer, tal como nós mesmos. Por isso pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm.

E eu bem creio que se Vossa Alteza aqui mandar quem mais devagar ande entre eles, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E, para isso, se alguém vier, não deixe de vir logo clérigo para os batizar, porque, então, já terão mais conhecimento de nossa fé, pelos dois degredados que aqui ficam entre eles, os quais, ambos, também comungaram hoje. Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem deram um pano com que se cobrisse e puseram-lho ao redor de si; mas, ao sentar-se não fazia memória de o estender muito, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior quanto a vergonha. Ora veja Vossa Alteza que, quem em tal inocência vive, ensinando-lhes o que para sua salvação pertence, se se converterá ou não. Acabado isto, fomos, então, perante eles, beijar a Cruz e despedimo-nos. E viemos comer.

Creio, Senhor, que com estes dois degredados que aqui ficam, ficam mais dois grumetes, que esta noite se saíram desta nau, no esquife, para terra, fugidos, os quais não vieram mais. E cremos que ficarão aqui, porque de manhã, prezendo a Deus, fazemos daqui nossa partida.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem 20 ou 25 léguas por costa. Traz, ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, algumas brancas; e a terra por cima é toda plana e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia rasa, muito plana e bem formosa.

Pelo sertão, pareceu-nos do mar muito grande, porque a estender a vista não podíamos ver senão terra e arvoredos, parecendo-nos terra muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro; nem as vimos. Mas, a terra em si é muito boa de ares, tão frios e temperados, como os de Entre-Douro-e-Minho, porque, neste tempo de agora, assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas e infindas. De tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem. Mas o melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente; e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria, quanto mais disposição para se cumprir nela e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, ou seja: acrescentamento da nossa Santa Fé.

E desta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza notícia do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha de vos dizer tudo, me fez assim por pelo miúdo. Pois que, Senhor, é certo que, assim, neste cargo que levo, como em outra qualquer coisa, que de Vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser, por mim, muito bem servida. A Ela peço que, para me fazer singular mercê, mande vir da Ilha de São Tomé, Jorge de Osório, meu genro, o que d'Ela receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro da vossa ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1.500.

Pero Vaz de Caminha

| G | L | O | S | S | Á | R | I | O |
|--|---|--|---|---|---|---|---|---|
| Abrigada - Lugar abrigado, perto da costa, para se fundear navios | Berbigões - Mariscos comestíveis | Coto - Medida antiga, do coto-velo à mão | Manilhas - Peça de adorno para os braços | | | | | |
| Albarrada - Jarro de louça ou barro | Botelho - Planta aquática | Coxim - Almofada grande | Marinhagem - Arte de navegar | | | | | |
| Alcatifa - Tapete grande | Braças - Medida de distância equivalente a 2,20 m | Curado - Sadio, sarado | Monteses - Selvagens | | | | | |
| Alimária - Animal irracional | Braga - Calças largas e curtas | Degredado - Condenado | Nédio - De pele lustrosa | | | | | |
| Aljaveira - Planta litosperma cujas sementes parecem pequenas pérolas | Caçar - Recolher as velas e cabos das embarcações | Espelho - Tampa de odres de couro que serviam de frasco | Singradura - Navegação em linha reta | | | | | |
| Aljofar - Pérolas miúdas | Calecute - Cidade indiana visitada por Vasco da Gama em 1499 | Esquife - Pequena embarcação | Sombreiro - Chapéu. cobertura para a cabeça | | | | | |
| Almadia - Embarcação estreita e pequena | Carapuça - Barrete, gorro, cobertura para a cabeça | Fanada - Aparada, cortada | Sobre-pente - Por alto. de leve | | | | | |
| Almêijoas - Espécie de marisco comestível | Cascavel - Chocalho | Farteis - Doces, bolos | Solapa - Parte do cabelo que cai sobre a testa e resto do crânio | | | | | |
| Amainar - Recolher as velas, parar a navegação, fundear | Castelo de xadrez - Torre do jogo de xadrez | Feto - Folha de samambaia filifolha | Tenção - Intenção | | | | | |
| Apaulada - Pantanosa | Cerradinhas - Fechadas, densas | Folgar - Divertir-se, brincar | Tosquiados - Cabelo cortado bem rente | | | | | |
| Arribar - Avançar | Cevadouro - Lugar onde se põe isca para caçar, pescar | Fura-bucho - Ave aquática | Toutiço - Parte posterior da cabeça, nuca | | | | | |
| Barrete - Gorro usado por marinheiros | Chantar - Fincar no chão | Fuso - Instrumento roliço utilizado em fiação ou tear | Vergonha - Parte pudenda de homens e mulheres | | | | | |
| Batel - Pequeno barco, canoa | Chinchorro - Espécie de rede de pesca | Grumete - Marinheiro de graduação inferior | Vianda - Alimento | | | | | |
| | | Légua - Medida de distância. equivalente a seis quilômetros | | | | | | |
| | | Louçania - Elegância, garbo | | | | | | |